

EVOLUÇÃO DA QUALIDADE DOS ESTUDOS DE IMPACTO AMBIENTAL ENTRE 2013 E 2018

Nikolas Gebrim Rodrigues (*), Alexandre Nascimento de Almeida

* Universidade de Brasília (UnB), e-mail: nikolasbsb@gmail.com

RESUMO

O licenciamento ambiental de empreendimentos que causam impacto ambiental significativo no Brasil é precedido da realização do Estudo de Impacto Ambiental (EIA). O objetivo do trabalho é analisar a evolução da qualidade dos EIAs entre o período de 2013 e 2018. Para tanto, obteve-se a percepção dos analistas ambientais do IBAMA no ano de 2013 e em 2018 sobre a qualidade dos EIAs, considerando 14 aspectos referentes a elaboração do estudo. Na maioria dos aspectos analisados não foi identificado melhoria entre as percepções mensuradas em 2013 e 2018. Porém, os resultados indicaram uma melhoria relativa na qualidade da equipe técnica que realiza os EIAs e na parte do diagnóstico ambiental dos estudos, ainda que do ponto de vista absoluto esses aspectos ainda careçam de aprimoramentos.

PALAVRAS-CHAVE: EIA/RIMA, gestão ambiental, avaliação de impactos ambientais.

INTRODUÇÃO

A avaliação de impacto ambiental (AIA) é um instrumento de decisão de uma política ambiental, adotada na jurisdição de um país ou governo local. No Brasil, seus principais documentos são o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e seu respectivo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Esse instrumento é utilizado para identificar e avaliar os prováveis impactos ambientais de projetos com potencial poluidor, a fim de facilitar a tomada de decisão para uma gestão ambiental efetiva dos órgãos competentes (SÁNCHEZ, 2013; CASHMORE *et al.*, 2004).

De acordo com Faria (2011), um dos principais problemas do processo de licenciamento ambiental, tornando-o mais demorado e menos efetivo, é a baixa qualidade dos estudos ambientais para a obtenção das licenças. Além disso, acrescenta-se a falta de método nas análises dos impactos ambientais, especificamente na identificação, previsão da magnitude e interpretações dos impactos dos estudos ambientais (MPU, 2004).

OBJETIVO

Analisar a evolução da qualidade dos Estudos de Impacto Ambiental (EIAs) entre o período de 2013 e 2018.

METODOLOGIA

Dados

Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionário eletrônico aos analistas ambientais do IBAMA no ano de 2013 e, repetida a coleta com o mesmo questionário, no ano de 2018. A população de analistas ambientais nos anos de 2013 e 2018 foram, respectivamente, de 354 e 274 analistas. As amostras alcançadas foram de 74 questionários respondidos no ano de 2013 e 44 no ano de 2018, representando 21% e 16% das populações de analistas nos anos de 2013 e de 2018, respectivamente.

O questionário foi composto de 14 afirmativas que indicaram problemas nos EIAs (Quadro 1). Diante dessas afirmativas, os analistas ambientais se posicionaram conforme a escala de concordância de Likert (1932): 1) Discordo Totalmente; 2) Discordo; 3) Não concordo nem discordo; 4) Concordo; e 5) Concordo Totalmente.

Quadro 1. Conteúdo das questões do questionário

Deficiências

1. O estudo de alternativas ao empreendimento é bem feito na maioria dos EIA/RIMA.
2. A delimitação da área de influência é bem feita na maioria dos EIA/RIMA.
3. O diagnóstico ambiental é bem feito na maioria dos EIA/RIMA.
4. A previsão dos impactos é bem feita na maioria dos EIA/RIMA.
5. A avaliação da importância dos impactos é bem feita na maioria dos EIA/RIMA.
6. Os planos de gestão ambiental apresentados na maioria dos EIA/RIMAs são bem feitos.

7. Em geral, os EIA/RIMAs são bem feitos.

8. Problemas com o termo de referência (genéricos e/ou insuficientes) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

9. Falta de competência do Coordenador do Estudo de Impacto Ambiental é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

10. Falta de qualidade e/ou conhecimento das análises técnicas específicas realizadas por diferentes profissionais (Biólogos, Geólogos, Engenheiros) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

11. A falta de independência da equipe executora em relação ao empreendedor é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

12. A falta de inclusão da comunidade afetada diretamente desde as etapas preliminares de elaboração do EIA/RIMA (antes da audiência pública) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

13. A falta de compatibilização entre o empreendimento e os planos e programas é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.

14. As deficiências encontradas nos EIA/RIMA são naturais devido à complexidade exigida pelo instrumento. Por exemplo: a previsão de impactos, como de qualquer coisa que trate do futuro, é incerta, a avaliação dos impactos (julgamento se o impacto é importante ou não) implica em subjetividade e juízo de valor, entre outros.

Teste U de Mann-Whitney

O instrumental analítico empregado foi o teste U de Mann-Whitney. Utilizou-se esse teste para verificar a existência de diferença entre as opiniões emitidas no ano de 2013 com as do ano de 2018, totalizando 14 testes, um para cada variável. A avaliação dos resultados considerou um nível de significância de 5% ($p < 0,05$) no teste bicaudal. As hipóteses de todos os testes podem ser resumidas da seguinte forma:

•Ho: não existe diferença estatisticamente significativa entre a evolução da percepção dos analistas para cada problema analisado.

•H1: existe diferença estatisticamente significativa entre a evolução da percepção dos analistas para cada problema analisado.

RESULTADOS

Para analisar a evolução das deficiências a questão 1 do ano de 2013 foi comparada com a questão 1 de 2018, e assim por diante. Verificando as repostas dos analistas ambientais entre os anos de 2013 e 2018, houve uma mudança significativa em duas questões, na questão 3 que trata sobre a qualidade do diagnóstico ambiental, em 2013 a percepção era que os diagnósticos eram malfeitos, mas em 2018 houve uma melhoria nesse aspecto. E na questão 10, que atribui aos profissionais que elaboram o EIA/RIMA as principais causas da deficiência, houve também uma melhoria significativa nessa questão (Tabela 1).

No entanto, apesar da melhoria no período de 5 anos da questão 3 e 10, ambas se destacaram no grupo dos indicadores intermediários, sugerindo que a melhora na sua evolução ainda não é suficiente e que existe um amplo espaço para desenvolvimento das equipes que elaboram o EIA/RIMA e o diagnóstico ambiental.

Conforme Sánchez (2013), o diagnóstico ambiental não é uma mera descrição de componentes ambientais da área de estudo, mas também deve apresentar uma análise e uma síntese que facilite sua compreensão, fato que não acontece na maioria dos EIAs. Em concordância, Scherer e Palazzo (2011) concluíram que a maioria dos estudos de impacto ambiental não realiza um diagnóstico do meio biótico suficientemente adequado para subsidiar a posterior avaliação de impactos, e a avaliação de impactos ambientais não leva em consideração as interações ecológicas com as intervenções humanas do empreendimento.

Outro ponto que teve mudança significativa foi a falta de conhecimento e capacidade técnica dos profissionais envolvidos. Segundo Almeida *et al.* (2015), os problemas relacionados a coordenação e a integração dos vários estudos necessários para os diagnósticos são comuns, sendo que algumas deficiências, existentes há mais de dez anos, têm apresentado baixo índice de melhoria. E ainda de acordo com Sánchez (2013), Glasson *et al.* (2012) e MPU (2004), dentre as principais limitações do EIA/RIMA destaca-se problemas associados diretamente à qualidade do coordenador do estudo, apontando situações onde as diferentes partes dos estudos não apresentam conexão e interação, gerando estudos compartimentalizados.

Tabela 1. Evolução da Percepção dos Analistas Ambientais do IBAMA.

Questão	Média de Ranque*		Nível de Significância
	2013	2018	
1. O estudo de alternativas ao empreendimento é bem feito na maioria dos EIA/RIMA.	53,53	54,67	NS
2. A delimitação da área de influência é bem feita na maioria dos EIA/RIMA.	51,74	55,98	NS
3. O diagnóstico ambiental é bem feito na maioria dos EIA/RIMA.	48,75	61,81	2%
4. A previsão dos impactos é bem feita na maioria dos EIA/RIMA.	51,65	56,21	NS
5. A avaliação da importância dos impactos é bem feita na maioria dos EIA/RIMA	54,27	52,41	NS
6. Os planos de gestão ambiental apresentados na maioria dos EIA/RIMAs são bem feitos.	51,25	59,23	NS
7. Em geral, os EIA/RIMAs são bem feitos.	50,53	56,42	NS
8. Problemas com o termo de referência (genéricos e/ou insuficientes) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.	53,43	53,60	NS
9. Falta de competência do Coordenador do Estudo de Impacto Ambiental é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.	54,34	52,32	NS
10. Falta de qualidade e/ou conhecimento das análises técnicas específicas realizadas por diferentes profissionais (Biólogos, Geólogos, Engenheiros) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.	63,39	39,57	1%
11. A falta de independência da equipe executora em relação ao empreendedor é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.	57,02	49,68	NS
12. A falta de inclusão da comunidade afetada diretamente desde as etapas preliminares de elaboração do EIA/RIMA (antes da audiência pública) é uma das principais causas das deficiências dos EIA/RIMA.	53,15	52,78	NS
13. A falta de compatibilização entre o empreendimento e os planos e programas	51,21	54,26	NS
14. As deficiências encontradas nos EIA/RIMA são naturais devido a complexidade exigida pelo instrumento. Por exemplo: a previsão de impactos, como de qualquer coisa que trate do futuro, é incerta, a avaliação dos impactos (julgamento se o impacto é importante ou não) implica em subjetividade e juízo de valor, entre outros.	57,17	48,33	NS

CONCLUSÕES

Os resultados indicaram uma melhoria na qualidade da equipe técnica que realiza os EIAs e na parte do diagnóstico ambiental dos estudos entre o período de 2013 para 2018, porém esses aspectos ainda carecem de avanços na opinião dos analistas ambientais do IBAMA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. N.; Sertão, A. C.; Soares, P. R. C.; Angelo, H. Deficiências no diagnóstico ambiental dos Estudos de Impacto Ambiental (EIA). **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade (GeAS)**, v. 4, n. 1. p. 33-48, 2015.
- Cashmore, M.; Gwilliam, R.; Morgan, R.; Cobb, D.; Bond, A. The interminable issue of effectiveness: substantive purposes, outcomes and research challenges in the advancement of environmental impact assessment theory. **Impact Assessment and Project Appraisal**, v. 22, n. 4, p. 295-310, 2004.
- Faria, I. D. **Ambiente e energia: crença e ciência no licenciamento ambiental**. Parte III: sobre alguns dos problemas que dificultam o licenciamento ambiental no Brasil. Núcleo de Estudos e Pesquisas do Senado, 2011.
- Glasson, J.; Therivel, R.; Chadwick, A. **Introduction to environmental impact assessment**. 3 ed., London: Routledge, 2012.
- Likert, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 22, n. 140, p. 44-53, 1932.
- Ministério Público da União (MPU). **Deficiências em estudos de impacto ambiental: síntese de uma experiência**. Ministério Público Federal, 4º Câmara de Coordenação e Revisão: Escola Superior do Ministério Público da União, Brasília. Maio, 2004.
- Sánchez, L. E. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e método**. 2 ed. São Paulo: Oficina de Textos, 583 p., 2013.
- Scherer, A. G.; Palazzo, G. The New Political Role of Business in a Globalized World: A Review of a New Perspective on CSR and its Implications for the Firm, Governance, and Democracy. **Journal of Management Studies**, v. 48, n. 4, p. 899-931. 2011